

OUTRO LADO DA MEDALHA

Sebastião Teixeira Gomes¹

Há um ditado popular que diz: “O pau que bate em Chico, também bate em Francisco”. Este provérbio bem pode ser usado para interpretar o que está acontecendo na cadeia do leite.

Em tempos de estabilidade econômica, liberação do preço do leite e de globalização dos mercados, o que mais se ouve é a necessidade de profissionalização do produtor de leite, para que ele possa enfrentar os enormes desafios dos tempos modernos. Se, por um lado, isto não deixa de ser verdade, por outro, não se pode deixar de registrar que outros elos da cadeia do leite não são fustigados com a mesma veemência, embora também estejam longe da profissionalização recomendada.

No rol dos participantes da cadeia do leite, o profissional da assistência técnica é peça chave para o êxito do produtor. Apesar da reconhecida importância do técnico, sua atuação vem merecendo críticas, em muitos casos. Por isto, este artigo se propõe a examinar alguns aspectos da assistência técnica ao produtor de leite. Aqui não se faz distinção se a assistência técnica é prestada por instituição governamental, por indústrias laticinistas, cooperativadas ou particulares, ou por profissional liberal.

De início, define-se o bom técnico como aquele que ensina o produtor a ganhar dinheiro. Infelizmente, esta não tem sido a preocupação principal de muitos técnicos. Muitos estão mais preocupados em ensinar a produzir, ou melhor, a aumentar a produção, de preferência com o aumento da produtividade. Não há nenhum mal nisto, se a receita levar o produtor a ganhar mais dinheiro. Aí está o nó da questão: ensinar o produtor a obter mais lucro, com a inovação tecnológica. Para saber se isto está acontecendo, há necessidade de uma criteriosa avaliação econômica, antes de implementar a inovação tecnológica.

Pensando no binômio produtividade e lucro, o técnico deve-se preocupar, entre outras coisas, com dois aspectos da maior importância: análise segmentada do sistema de produção e análise incremental da inovação tecnológica.

¹ Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa. Escrito em 21/05/97.

Na análise segmentada, o sistema de produção é dividido em setores, tais como máquinas e equipamentos, alimentação do rebanho, cria, recria e produção. O custo de um setor corresponde ao preço do setor subsequente. Por exemplo: calcula-se o custo da hora-máquina do setor de máquinas e equipamentos, que corresponderá ao preço da hora-máquina do setor de alimentação do rebanho.

É comum, no cálculo do custo de produção, tomar o preço de mercado dos insumos e serviços, mesmo que a empresa produza tais insumos e serviços. Esse procedimento é correto quando se calcula o custo do ponto de vista da sociedade. Para o empresário, o que interessa é o seu custo, para obtenção de tais insumos e serviços. Alguns exemplos ajudam a esclarecer a questão: a) no cálculo do custo do setor de produção, o preço da novilha é igual ao seu custo; b) no cálculo do custo do concentrado, o preço do milho é igual ao seu custo; não importa se o custo é maior ou menor que o preço de mercado.

Outro aspecto a considerar na análise econômica diz respeito ao incremento da inovação tecnológica. Também um exemplo facilita o entendimento. Antes da inovação tecnológica, a empresa apresentava os seguintes resultados: renda bruta, R\$ 1.000,00; custo de produção, R\$ 800,00; e lucro, R\$ 200,00. Após a inovação tecnológica, os resultados foram: renda bruta, R\$ 1.170,00; custo de produção, R\$ 900,00; e lucro, R\$ 270,00. A partir desses dados, pode-se concluir que a inovação tecnológica causou um ganho de R\$ 70,00 (270 menos 200). Não é correto creditar a ela o lucro de R\$ 270,00. Nesta análise, não se pode desprezar o risco embutido na nova tecnologia, que é assumido apenas pelo produtor e nunca pelo técnico. Por isto, freqüentemente, o produtor tem uma visão mais cautelosa das vantagens da inovação.

A análise econômica prévia das recomendações tecnológicas coloca o técnico no rumo de criar condições de ajudar o produtor a ganhar mais dinheiro. A análise não precisa ser complicada, basta um simples orçamento, fundamentado em coeficientes técnicos confiáveis.

Por fim, mas não menos importante, muito provavelmente na raiz da deficiência do técnico está a deficiência das escolas e universidades que se preocupam mais em formar profissionais com grande capacidade técnica e com pouca visão administrativa. Mesmo aqueles que têm esse defeito congênito devem se esforçar para superar suas deficiências, porque, no mundo atual, a expressão profissionalismo deve valer para todos os elos do complexo agroindustrial.